

## *A rosa azul*

*Era lindo o meu jardim! Colorido, alegre, visitado por andorinhas, colibris, bem-te-vis e sabiás. Os canteiros, sempre, muito bem aparados e limpos... As plantas viçosas e brilhantes...*

*Como era bom apreciá-lo, sentir o aroma perfumado das flores, observar o vaivém dos pássaros a rodeá-las e, num pouso delicado e leve, beijarem-nas retirando-lhes, pouco a pouco, um tiquinho dos seus doces néctares...*

*Cuidava com zelo e carinho, fazia tudo para que o preservasse e o protegesse contra os insetos e as pragas. Regava-o duas vezes ao dia, aspergindo levemente as gotas d'água para que nenhuma planta fosse desfolhada e nenhuma pétala de minhas flores caísse sem que fosse na hora marcada pela mãe natureza.*

Tanto prazer me dava adubar a terra, afofá-la... espalhava-a vagarosamente com um ancinho de plástico verde. Lembro-me dele até hoje porque o mantive guardado por um bom tempo junto de outras tantas lembranças.

Num cantinho reservado, bem na direção da soleira da porta principal da casa, havia uma roseira. Era a minha preferida. De tão rara e valiosa, a rosa azul que dela brotava eu mantinha sob uma vigilância permanente para que ninguém a roubasse ou a danificasse. A rosa azul era impar, única, adorada.

Suas pétalas sedosas e delicadas eram arrumadas de uma forma tão regular, tão organizada, que só mesmo mãos tão divinas poderiam tê-las agrupadas tão simetricamente perfeitas. O verde de suas folhas era o mais verde e os espinhos afiados se espalhavam por todos os galhos.

*Eles muitas vezes me feriram, mas a sua grandiosidade, enquanto flor amada, fazia-me perdoá-la e, rapidamente, tratada a ferida, voltava a riscar-me, de vez em quando, com a fina ponta de "suas garras"... eu não ligava... eu a amava tanto que eu nem me incomodava com a dor momentânea daquelas agulhadas.*

*Todos os dias eu conversava com a minha rosa. Era ela quem recebia toda a minha atenção. Contava-lhe os meus mais secretos segredos; prometia-lhe amor eterno; sublimava-a; dedicava-me exclusivamente a ela, embora tratasse de todo o jardim com muito carinho como sempre. Mas era da rosa azul que eu mais gostava. Como temia chegar o dia de sua velhice e perdê-la num simples desfolhar seco e sem vida! Mesmo assim, preparava-me para guardar suas pétalas numa caixinha forrada de veludo; era o que eu possuía de mais valioso.*

*Dela brotaram dois lindos botões que até hoje permanecem em constante crescimento natural: lindos e perfeitos. Cada um com a sua beleza e com o seu esplendor, cada um cumprindo o seu papel de rosa rara e valiosa, engrandecendo ainda mais a minha existência.*

*Ela permanecia no mais alto lugar da roseira e seus botões mais abaixo como se estivessem sendo protegidos pela sua grande copa e seu volumoso corpo de flor.*

*Estava sempre resguardada porque fora plantada bem abaixo do aparador do portão - tipo um chapéu de telhas - que protege a madeira do apodrecimento causado pelo sol e vento fortes e pela chuva grossa, típicos do verão.*

*Devido ao excesso de trabalho e ao pouco tempo para dedicar-me ao meu jardim, a partir de um dado momento da minha vida, um*

jardineiro começou a cuidar dele. Todos os dias ele molhava, tratava da terra, varria, arrumava as plantas de modo que eu ficasse satisfeita com o seu trabalho.

Ele era realmente competente. Tão competente que lhe confiei a minha rosa azul. Pedi-lhe que cuidasse dela com carinho e que a vigiasse para que nada lhe acontecesse. Ele passou a cuidar da minha rosa com tanta dedicação que eu o admirei. "Ele era realmente um profissional exemplar", pensava.

Os dias foram passando, eu sempre que chegava e saía conversava com a minha rosa e com os meus botões. Dava-lhes toda a minha atenção sempre que podia. Continuava a acariciar-lhes e a sentir seus aromas e a observar suas belezas. Pensava sempre: "Que jardineiro cuidadoso! Meu jardim continua belo e viçoso!".

Mal sabia eu que, ele, aquele competente jardineiro,

*inescrupulosamente, viria a roubar a minha rosa e a deixar-me  
somente com os seus botões, sem a sua grandiosidade, beleza,  
companhia... sem a felicidade de tê-la ao meu lado... sem o seu  
perfume... sem a sua presença...*

*Roubou a rosa e fugiu. Ninguém nunca mais o viu. Nem a minha  
rosa que se apaixonara por ele e o acompanhara sem rumo.*

*Durante o tempo que tratava e cuidava dela, ele a seduzia e a  
conquistava.*

*Senti-me vazia e solitária, perdidamente só. Não visto sentido mais  
em manter o meu jardim, o abandonei. As plantas logo começaram a  
sentir a falta da água, do trato da terra, da atenção que antes  
recebiam. Os botões desprotegidos e desamparados passaram a  
precisar de minha ajuda para sobreviverem a tanto desconforto e  
solidão.*

Depois de muitas desventuras, resolvi que não podia deixar que no meu jardim nada morresse. Tratei de reerguer-me e comecei a replantar os canteiros, a cuidar da terra e a irrigar todos os dias a grama, as árvores, os arbustos, as folhagens, as flores e, principalmente, os meus dois botões azuis.

O jardim ficava novamente viçoso, mas meu coração ainda não estava em paz. Vivía triste, sem sentido, mas vivia em função da sobrevivência do meu jardim e dos meus dois botões.

Cheguei a tentar plantar novas roseiras, mas nada de belo germinava.

Penso: "Quando menos esperar, ganharei uma nova muda de rosa azul. Encantar-me-ei com ela. E ainda quando for uma pequena plantinha, suas folhinhas ficarão muito bem delineadas, seus galhos firmes, seus espinhos pequenos encherão de cor e alegria o meu

*jardim...*

*Essa rosa azul passará a fazer parte de minha existência e, ao secar, provavelmente, suas pétalas tornar-se-ão douradas fontes de lindas lembranças que ficarão guardadas numa caixinha forrada de veludo: flor valiosa a exalar perfume e a enaltecer o meu jardim com sua delicadeza, encanto e beleza..."*

*(Bia Carvalho)*

